

ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas
Conceição Lopes
- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo
Fernando Santos Pessoa
- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa
- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques
Nouri Boukhchim
- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa
- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)
Beya Abidi

ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar
Gonçalo Duarte Gomes
- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez
- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández
- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista
- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)
Meriem Marzouki
- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie
Ons Najjar, Raja Gzara
- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** *Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen*
Leila Harabi

ENTRE FRONTEIRAS ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago
Jorge de Oliveira
- 94** *Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** *Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa*
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** *Estremoz: assentamento e fronteira*
Ana Costa Rosado

ENTRE ÁGUAS ENTRE LES EAUX

- 112** *A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX*
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** *La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo*
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI*
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** *Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares*
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** *Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco*
Filipe Mário Lopes

ENTRE TEMPOS ENTRE LES TEMPS

- 139** *Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal*
Maria Fernandes
- 142** *A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo*
Vítor Ribeiro
- 149** *Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie*
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** *Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura*
Miguel Ferreira Mendes

MONTE CABEÇO DE CARDO, 226 METROS DE ALTITUDE. UM PERCURSO ENTRE O MEDITERRÂNEO E A FAIXA ATLÂNTICA PARA RECONHECIMENTO DOS VALORES DO VERNÁCULO

Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

CHAIA, Universidade de Évora
claudiagaspar.arq@gmail.com

Palavras-chave: monte, arquitetura vernacular, montanha, povoamento

1. Introdução

A presente comunicação pretende contribuir para o estudo da tipologia do monte no Alentejo, utilizando como metodologia o desenho de um percurso em zona de montanha, entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica. Este percurso atravessa três zonas da serra de Grândola com maior concentração de montes, num total de 12, localizados a diferentes altitudes, entre 96 e 226 metros, e em ambas as encostas. O objetivo é, ao longo do percurso, observar, interpretar e caracterizar os montes identificados no seu enquadramento de paisagem.

O tipo de povoamento que prevalece no litoral alentejano é caracterizado por construções de pequena e média dimensão, dispersas no território, em contraponto com outros casos de montanha no Mediterrâneo, como são por exemplo os povoamentos vizinhos nas zonas de serra do Algarve, onde se verifica o povoamento concentrado e a presença de conjuntos edificados alcandorados. O percurso delineado pelas serras de Grândola pretende equacionar a hipótese de, apesar do povoamento ser maioritariamente disperso no litoral alentejano, em zona de montanha os edifícios associados à propriedade de menor dimensão tendem a beneficiar de uma maior proximidade entre si.

O presente estudo interpreta também a transformação das edificações alcandoradas, nomeadamente na construção de novos volumes contíguos, seja por adição de compartimentos à habitação existente ou pela edificação de novas habitações adjacentes, mais frequente nos montes de maior dimensão; e no povoamento contemporâneo, onde a proximidade entre edifícios novos e preexistentes é frequente nestes territórios de montanha.

Cabeço de Cardo, onde termina o percurso, a 226 metros de altitude, é selecionado enquanto caso de estudo para a evolução do monte até ao povoamento contemporâneo em zonas de montanha, adquirindo maior densidade com a edificação de novas habitações relativamente próximas umas das outras, em resultado da divisão da propriedade e do aparecimento de novos montes com toponímia similar. Cabeço de Cardo é também um interessante exemplo das dinâmicas nas diferentes fases construtivas e da diversidade na tipologia. Procuraremos interpretar e caracterizar o monte no seu contexto de paisagem, a sua morfologia e tipologia, considerando os valores da arquitetura vernacular do Alentejo litoral e a importância da sua salvaguarda.

2. Percurso por zona de montanha. 12 montes em povoamento disperso

A faixa ocidental das regiões do Alentejo e do Algarve é caracterizada por diferentes formas de povoamento disperso que está, em grande parte, associado à preponderância da casa em linha com cobertura de duas águas com pau de fileira (Gaspar *et al.*, 2018, p. 98). O monte é a unidade de base do povoamento e constitui, frequentemente, um conjunto edificado de pequenas dimensões. O objetivo do presente estudo é, através do percurso desenhado por zona de montanha no Alentejo litoral, interpretar e caracterizar as edificações nos montes identificados, considerando os valores da arquitetura vernacular e a salvaguarda dos mesmos. O estudo servirá para um conhecimento mais aprofundado no que diz respeito ao património construído vernacular no Alentejo litoral, que não se restringe ao objeto edificado. *Before the Neolithic era, and thus before the menhirs, the only symbolic architecture capable of modifying the environment was walking, an action that is simultaneously an act of perception and creativity, of reading and writing of the territory* (Carreri, 2002, p. 50). Do mesmo modo que Carreri afirma que foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem que o circundava e que, por sua vez, a ação de caminhar é um ato de leitura e escrita do território, também aqui se considera o caminhar pelos montes um ato de percepção dos lugares.

Com a metodologia de *andar para compreender*, é traçado um percurso que não é aleatório, mas sim desenhado a partir do conhecimento produzido anteriormente, nomeadamente através do redesenho da cartografia a partir de cartas de diferentes tipos e cronologias (Pery, 1883); da sobreposição de plantas de cadastro de diferentes cronologias que permitiram estudar a evolução dos limites de propriedade; e ainda do mapeamento de montes resultantes do trabalho de campo efetuado (Gaspar, 2017).

Relativamente aos montes de serra importa referir a importância da diferenciação dos edifícios em função da sua área de implantação: por um lado, os montes situados na encosta, a nascente da principal linha de festo; por outro lado, os montes das encostas voltadas ao oceano e a oeste daquela linha de festo, onde a relação visual com o mar e a maior exposição aos ventos adquirem grande relevância.

O percurso de reconhecimento dos montes tem cerca de 39 330 km, essencialmente pedestres, na zona de serra do litoral alentejano, com início no concelho de Santiago do Cacém do qual fazem parte oito montes em estudo e com

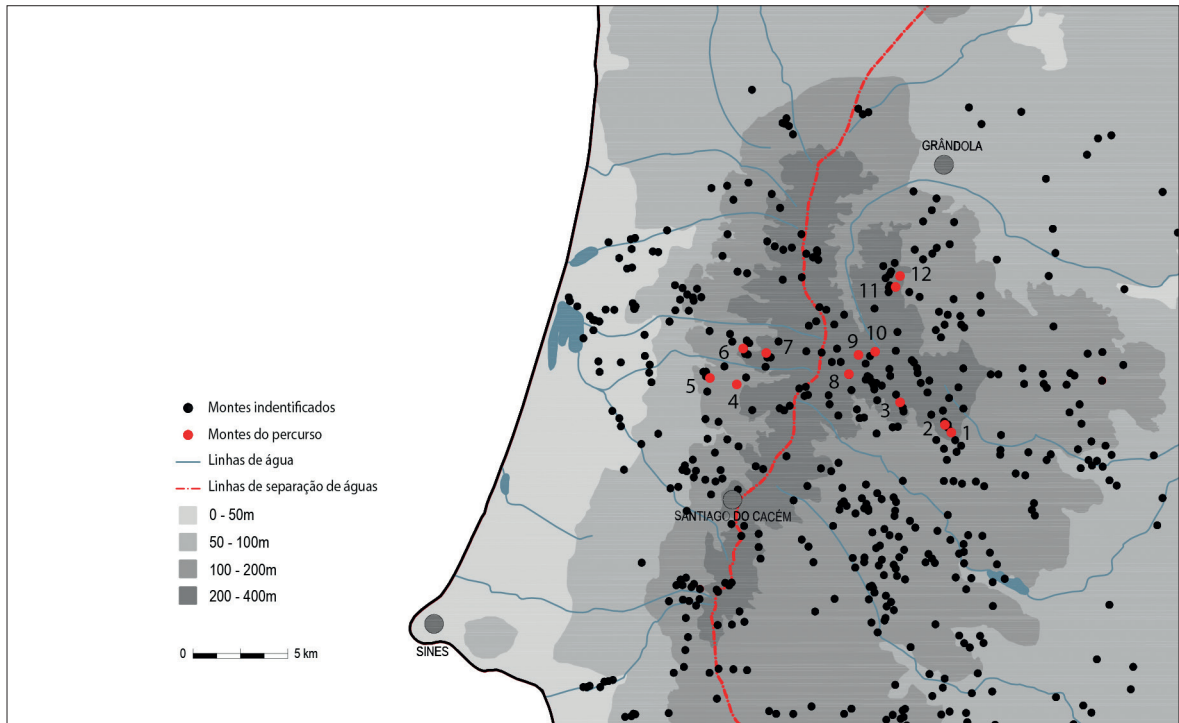


Fig. 1 Identificação dos 12 montes com altitudes entre 96 e 226 metros, a partir dos montes estudados em trabalho de campo. Mapa com as características geomorfológicas do território em zona de serra do Alentejo litoral, principais linhas de água, sistema fisiográfico e hipsometrias; delimitação do percurso pela Serra de Grândola (Adaptado de Gaspar, C., 2017)

término no concelho de Grândola, onde se estudam quatro montes. Organizado em três fases distintas (7 260 km; 15 900 km; e 1 570 km), o percurso tem um total de 24 730 km, aos quais acrescem trajetos intermédios (8 600 km e 6 000 km), num total de 14 600 km (fig. 1).

2.1. Fase 1 – 8 km na vertente este da serra de Grândola

Com início na vertente este da serra, no primeiro percurso de 8 km, no concelho de Santiago do Cacém, são identificados três montes com altitudes entre os 197 e 225 metros, respetivamente Vale da Pereira, Fontanal e Valadas. Correspondem a montes de pequena e média dimensão em que as características morfológicas e organização do espaço da casa se enquadram na tipologia *habitação das encostas da Serra de Grândola*, classificadas no *Inquérito sobre a Arquitectura Regional Portuguesa* — IARP, como habitação própria da zona 6, designada por *Zona do Algarve*, mas que integra também o Alentejo litoral e parte do Baixo Alentejo (AA. VV., [1961] 1988, p. 669).

Na casa de habitação de Vale da Pereira, com data de 1939 inscrita no pano de chaminé, como ocorre frequentemente, verifica-se uma evolução muito usual nestas edificações rurais das pequenas e médias explorações. Dá-se a integração de um segundo alinhamento de compartimentos, através da ampliação transversal com prolongamento da vertente da cobertura na parte posterior, associada à manutenção do alinhamento original de compartimentos com pau de fileira. O edifício adquire assim uma organização espacial mais complexa, também caracterizada pela passagem de umas divisões para outras, em que a comunicação com os novos compartimentos ocorre, na maioria dos casos, a partir da fachada lateral posterior. Os compartimentos adquirem diferentes escalas e proporções quadrangulares. Vale da Pereira é, de certo modo, um exemplo de uma edificação alcandorada, ainda

que no contexto do povoamento disperso alentejano. Na serra do Algarve, o processo de ampliação das casas de trave chega a configurar quatro ou cinco alinhamentos de compartimentos, constituindo conjuntos edificados de média e grande dimensão (Costa, 2014, p. 131).

A cerca de 260 metros a norte de Vale da Pereira, numa cumeada mais elevada, encontra-se o monte do Fontanal, a 221 metros de altitude. Apesar de não apresentar uma dimensão evolutiva a nível da organização e volumetria da habitação, destaca-se pelo uso da alvenaria de xisto em todas as construções do monte, mais comum nas habitações da serra do Algarve. O monte é constituído pela casa de habitação, forno de pão adossado e uma dependência para animais com quatro imponentes contrafortes de planta circular nas esquinas, usados para travamento das paredes, a nível dos cunhais.

Na continuação do caminho em direção a noroeste, atravessando dois vales, a 3 km de distância, acede-se ao monte de Valadas, e depois, em direção a norte, infletindo para a zona de cumeada, estão implantadas outras oito habitações próximas entre si, que beneficiam de um único acesso. Enquanto a habitação do Fontanal tem três divisões contíguas com um único acesso (correspondente à habitação comum nesta zona de montanha), com dependências agrícolas também de pequena dimensão, Valadas distingue-se por ser um monte onde a exploração agropecuária prevalecia, restringindo-se a habitação a apenas uma divisão: a cozinha que servia também de espaço de dormir. Valadas, assim como Vale da Pereira, tem a particularidade de ter ainda outras dependências para animais, desde a pocilga ao curral.

2.2. Fase 2 – 16 km entre a vertente oeste e este da serra de Grândola

A segunda fase do percurso tem início a cerca de 8,6 km de Valadas, na vertente oeste da serra. Interliga quatro montes com exposição atlântica: Vale Grande (194 metros

de altitude); Monte sem designação, próximo de Ademas (145 metros de altitude); Funchais (212 metros de altitude); e Vale Linhos (222 metros de altitude). Depois de atravessar a linha de feito, já na vertente este da serra de Grândola, o percurso liga três montes: Boavista (267 metros de altitude); Enchacafres (270 metros de altitude); e Tabuleiro (267 metros de altitude).

O conjunto edificado de Vale Grande, na encosta do vale, a 194 metros de altitude, corresponde a uma habitação com três quartos a que se acede a partir da cozinha — o espaço central e de distribuição da casa. Comportando alguns aspetos construtivos comuns à arquitetura da região como o recurso ao embasamento em pedra ou a alternância dos blocos de taipa nos cunhais, destaca-se pelo maior uso de cal entre fiadas, o que traduz um maior conhecimento da técnica construtiva. Ao caminhar pela estrada de terra batida em direção a poente, deparamo-nos, após 1,5 km, com um conjunto construído, sem designação toponímica, na freguesia de Ademas. É conformado pela adição de um compartimento adossado ao volume preexistente, que surge na continuidade do pau de fileira do volume existente, em que o pano de cobertura se prolonga na parte posterior. Constitui também um exemplo de edificação alcandorada associada a processo gradual de edificação. Já em Funchais, a 212 metros de altitude, a uma distância visual de 2,5 km a nordeste, a que se acede por 5,4 km de trilhos e caminhos, também se verifica uma evolução no edificado, neste caso, com extensão da vertente posterior da cobertura em todo o comprimento do volume. Calcorreando a estrada nacional, a 1,5 km avista-se Vale de Linhos. Habitação de dois compartimentos com composição de fachada com porta e janela, de pequenas dimensões e em avançado estado de degradação. Está situada nas proximidades de novos edifícios de habitação associados ao povoamento da serra de época contemporânea.

A fase seguinte do percurso proposto leva-nos ainda pela estrada local que atravessa a localidade de São Francisco da Serra, seguindo-se alguns metros pela EN120 e depois de virar à direita, pela Rua da Eira. Inicia-se a 5,4 km do anterior Vale de Linhos, com lugares de maior altitude entre os 267 e 270 metros, já na encosta este da serra. De seguida, o monte da Boavista situa-se a cerca de 1 km a sul das terraplanagens efetuadas para a inacabada autoestrada A26, no concelho de Santiago do Cacém. De pequena dimensão, distingue-se pela combinação da construção de alvenaria em taipa e de alvenaria em pedra. Excluindo o curral, as restantes dependências anexas para alfaias e animais são em alvenaria de taipa, sem reboco aparente. A casa é composta por cozinha, com lareira e chaminé assente na empena sul, e dois compartimentos com acesso a partir dela: um, seria um quarto com janela; o outro, poderá ter servido cumulativamente para guardar produtos de consumo da casa. De seguida, o trajeto inflete por caminhos de terra batida até aos próximos dois pontos de paragem, localizados já no concelho de Grândola. Enchacafres, situado a 1,2 km a norte de Boavista (e a cerca de 60 metros das terraplanagens efetuadas para a futura A26), correspondia, em 1883, a uma grande herdade. Esta herdade incluía também o monte contíguo de Vale Partilhas, que se encontra hoje em avançado estado de degradação (como acontece com uma grande parte das estruturas identificadas na cartografia). Em Enchacafres, sobressai a organização dos vãos da fachada principal de composição não simétrica (porta-porta-janela-porta-janela) que marca, de acordo com o levantamento realizado, a existência de duas habitações contíguas.

Os compartimentos destas habitações constituem, por comparação com os exemplos anteriores, espaços de maior dimensão e fenestração na fachada tardoz. Em qualquer caso, mantêm a organização mais frequente de distribuição interior, com a cozinha como divisão principal, a partir da qual se acede aos restantes compartimentos.

A 900 metros para nascente está o monte do Tabuleiro que, com o início das obras da A26, passou a ter acesso a partir de um túnel. Na então Herdade do Tabuleiro, é possível reconhecer duas edificações no mesmo alinhamento, apesar do seu avançado estado de degradação: uma em taipa, a mais antiga; a outra, de paredes de alvenaria de tijolo maciço com alguns motivos decorativos. O monte do Tabuleiro estabelece uma relação visual com outros montes tal como o Outeiro da Fonte, a 269 metros de altitude, onde está uma nova construção com recurso à taipa enquanto material privilegiado de construção. Este conjunto é exemplo de uma maior proximidade entre habitações no povoamento contemporâneo, nas zonas de montanha do Alentejo litoral.

2.3. Fase 3 – 1,6 km na vertente este da serra de Grândola

Na vertente este da serra, ao longo de 500 metros, a terceira fase do percurso proposto passa por dois montes, ambos a 226 metros de altitude: Figueira e Cabeço de Cardo. Este troço inicia-se, percorrendo 6 km pela estrada nacional (EN120) até ao monte da Figueira, nas proximidades de Santa Margarida da Serra, onde se destacam exemplos distintos de montes muito próximos daquele aglomerado e que dele dependeriam. No edifício principal do monte da Figueira, a chaminé de grande dimensão, com data inscrita de 1891, evidencia-se como elemento principal. Sem forno adossado, a habitação tem apenas um alinhamento de compartimentos, composto por casa de entrada ou cozinha com chaminé apoiada na fachada principal, um compartimento para arrumos de alfaias, um abrigo de uma água para animais no topo do quadrante nascente e, do lado oposto, regista-se outro compartimento de apoio às atividades agrícolas, reforçado por dois gigantes em pedra na empena poente. A edificação desenvolve-se em profundidade com prolongamento da água da fachada tardoz, viabilizada pela implantação em colina. Embora Figueira e Cabeço de Cardo se avistem a uma distância de 500 metros, o último trajeto do percurso, passa por Santa Margarida da Serra percorrendo 1 570 metros até chegar a Cabeço de Cardo, num dos pontos mais altos do trajeto, a 226 metros de altitude. Identificam-se várias construções contemporâneas, próximas de construções antigas, resultantes da divisão de propriedade e cujo estado do edificado permite estudar a dimensão evolutiva das construções (fig. 2).

3. Monte Cabeço de Cardo, 226 metros de altitude. A evolução do monte até ao povoamento contemporâneo mais concentrado

No presente estudo caracteriza-se o monte à escala da arquitetura: quer a nível da leitura tipológica e morfológica, quer a nível da organização da habitação. Mas também a leitura à escala do território, nomeadamente através da evolução do cadastro, que nos permite entender alterações no povoamento ou evoluções no conjunto edificado. O percurso termina no Monte Cabeço de Cardo, onde hoje se identifica um povoamento com diferentes datações e com habitações relativamente próximas umas das outras,



Fig. 2 Fotografias tiradas durante o trabalho de campo efetuado em 2014-2015. (1) Monte Valadas e Casa Acima (2) Boavista — ambas em Santiago do Cacém (3) Tabuleiro, Santiago do Cacém e (4) Cabeço de Cardo de Cima, Grândola

resultantes da divisão da propriedade ou montes que terão pertencido a uma só herdade. Veja-se Cabeço de Cardo de Cima, Cabeço de Cardo do Meio e Cabeço de Cardo de Baixo, como exemplo, de tendência contemporânea para densificação do povoamento, em lugares específicos, que registam as dinâmicas das diversas fases construtivas e a diversidade em termos tipológicos.

Entre os três montes que compõem a antiga Herdade das Cabeças de Cardo, encontra-se Cabeço de Cardo de Cima, um edifício em taipa, em avançado estado de degradação, de pequena dimensão, que seria possivelmente, habitação de pastor. Localiza-se junto à estrada, delimitada por muro, também em taipa, que poderá ter constituído parte de um curral. Com outra orientação, quase perpendicular ao primeiro, o monte Cabeço de Cardo do Meio, um pouco maior que o anterior, poderá ter correspondido à habitação de pequeno lavrador. Tem a casa de entrada que é também cozinha com lareira e chaminé, onde está inscrita a data de 1927. Duas janelas na fachada principal, uma de cada lado da cozinha, correspondentes aos quartos, e outra porta para a casa do forno, um compartimento adjacente, no topo norte da casa. Com a ausência de vãos na fachada tardoz, contrafortes ou poial exterior adjacente, tem tirantes metálicos para reforçar a estrutura e paredes rebocadas e caiadas a branco.

Poucos metros a sul, o monte Cabeço de Cardo de Baixo, com uma volumetria mais atípica, difere do monte comum em estudo pela altura da cumeeira, maior volumetria do edifício e planta mais quadrangular, o que sugere uma organização interior mais complexa. Terá servido para habitação e também cómodo de lavoura com dependências para animais. São ainda visíveis, outras construções contíguas, mais recentes, de apoio às atividades agropecuárias. A toponímia dos montes, o facto de serem contíguos e a carta cadastral (1948-1951), mais retalhada, indica se tratar de montes que surgiram após divisão de uma propriedade que era única em 1883, a Herdade das Cabeças do Cardo, então só com um edifício (Gaspar, 2017, p. 262).

4. A tipologia das casas da serra de Grândola. Edificações alcandoradas associadas à evolução do edificado e proximidade entre edifícios no povoamento contemporâneo

O património construído da região é caracterizado pelo monte de pequena e média dimensão, relativo ao povoamento disperso, em contraponto aos assentamentos alcandorados em povoamentos concentrados, como, por exemplo, nas zonas vizinhas da serra do Algarve. Através do percurso delineado na área de montanha do Alentejo litoral, constata-se que os edifícios associados à pequena propriedade, ainda que dispersos, tendem a beneficiar de uma significativa proximidade entre si. A partir da observação, caracterização e análise dos 12 edifícios que fazem parte do percurso por zona de montanha, percebe-se que, em oito deles, se verificou um processo gradual de construção, tão característico da arquitetura vernácula: uma evolução na adição de compartimentos adossados às empenas laterais (na continuidade do pau de fileira) ou à fachada tardoz (no prolongamento do seu plano de cobertura), alterando a volumetria do edifício original e a sua expressão formal; uma evolução na construção de novas habitações adjacentes, muitas vezes contíguas às existentes, o que é mais frequente nos montes de maior dimensão. Desta condição evolutiva da tipologia, são exemplo os montes: Vale da Pereira; monte sem designação, na freguesia de Ademas; Funchais; Boavista; Enchacafres; Tabuleiro; Figueira e Monte Cabeço de Cardo (fig. 3).

Este processo de transformação do edifício e a sua capacidade evolutiva é comum e pode ser resultante do aumento da produção agrícola e consequente necessidade de mais espaços de apoio à atividade agropecuária (associado, em muitos casos, ao aumento do rendimento que possibilita a intervenção no edifício); do aumento do agregado familiar, que se traduz na necessidade de mais espaços; da divisão da propriedade e consequente necessidade de parcelamento da casa entre herdeiros; ou, igualmente frequente, da necessidade de partilha do edifício para habitação do lavrador e caseiro (Gaspar, 2017, p. 463).

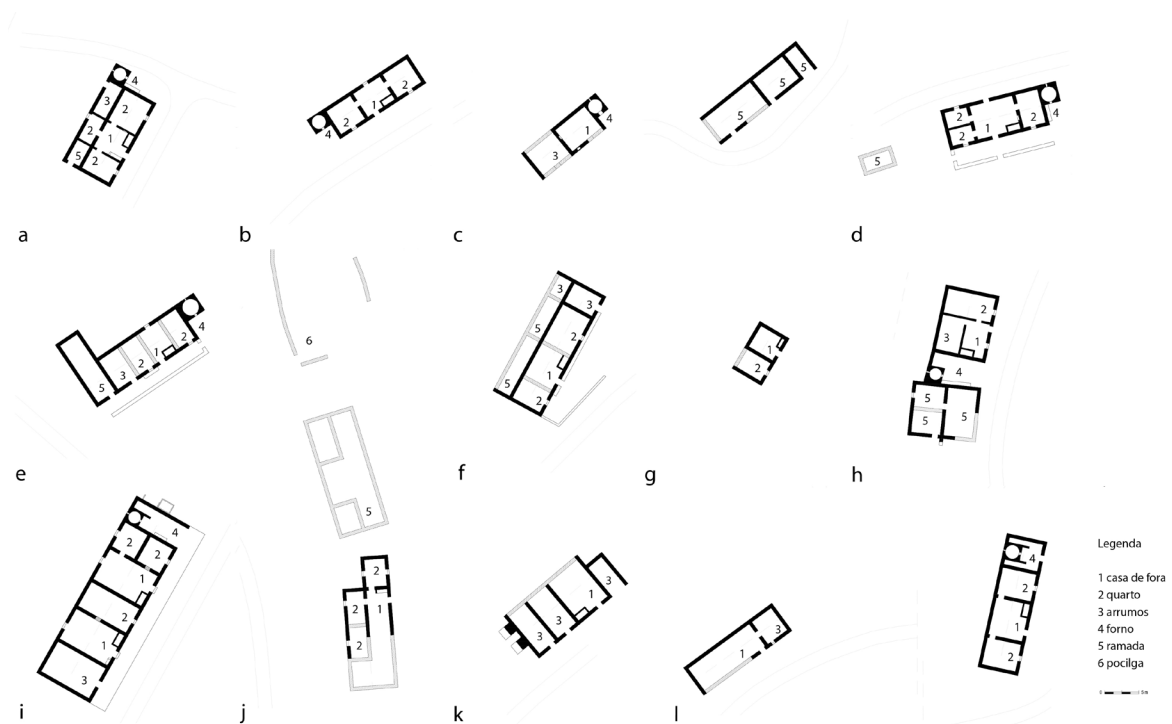


Fig. 3 Desenho de montes, com trabalho de campo efetuado em 2014-2015 **a** Vale da Pereira **b** Fontanal **c** Valadas **d** Vale Grande **e** Monte sem designação, Ademas **f** Funchais **g** Vale de Linhos **h** Boavista **i** Enchacafres **j** Tabuleiro **k** Figueira **l** Cabeço de Cardo de Cima (Adaptado de Gaspar, C., 2017)

Nos montes de maior dimensão, onde era frequente existirem trabalhadores sazonais, era comum a edificação de novos volumes destinados à habitação dos trabalhadores, implantados nas proximidades da casa dos proprietários. O monte de maior dimensão consistia também num lugar de poder onde eram centralizadas as atividades sociais do monte associado a explorações agrícolas maiores. Contudo, é no povoamento contemporâneo que se verifica uma maior proximidade entre edifícios, na maior parte dos casos, pela questão da divisão de propriedade em que surgem novas habitações.

Do estudo dos diversos elementos inerentes aos montes, identificados no percurso pela serra de Grândola, verifica-se, associado ao povoamento contemporâneo, a proximidade entre edifícios novos e existentes, frequente nos territórios de montanha de regiões vizinhas como a serra do Algarve. São exemplo os montes: Vale de Linhos; Enchacafres; Tabuleiro; Figueira e Monte Cabeço de Cardo.

5. Considerações finais: valores da arquitetura vernacular, em zona de montanha, do Alentejo litoral e sua salvaguarda

A zona de montanha do Alentejo litoral, identificada pelas serras de Grândola e Cercal, é uma região de baixa densidade marcada pelo povoamento disperso em contraponto às zonas de povoamento concentrado, onde as casas alcandoradas têm uma expressão mais evidente. Contudo, a expressiva compartimentação da propriedade, associada ao processo de parcelamento, conduz ao aparecimento de novos montes que tendem a beneficiar de uma maior proximidade entre si. Por outro lado, a condição evolutiva da tipologia característica da região permite que a adição de compartimentos ou volumes seja feita frequentemente a partir do edifício preexistente, resultando num tipo de casas alcandoradas por evolução da construção.

O ato de percorrer as zonas de montanha do Alentejo litoral permitiu o reconhecimento dos valores da arquitetura vernacular, para além do estudo da bibliografia disponível, da cartografia e do desenho do seu edificado. Permite, de futuro, olhar com uma consciência patrimonial para o objeto arquitetónico identificado; intervir com conhecimento das características intrínsecas à construção de cada edifício considerando o contexto da paisagem onde se integra, consciência ecológica nos materiais, técnicas construtivas, flexibilidade de organização de espaços; e a premissa de reinterpretar os valores da arquitetura vernacular.

Bibliografia

- AA. VV. ([1961] 1988). *Arquitetura Popular em Portugal*, 3.^a edição. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- Carreri, F. (2002). *Walkscapes: Walking as an Aesthetic Practice*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Costa, M. R. (2014). *Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve — Forma, processo e escala no estudo da arquitetura vernacular*. Porto: Afrontamento.
- Gaspar, C. (2017). *Arquitetura em terras ermas. Cenários no Litoral alentejano*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.
- Gaspar, C., Costa, M. R. & Soares, J. (2018). "Contributo para o estudo e salvaguarda do monte das serras do litoral alentejano: arquitetura e paisagem" in André, P., Rodrigues, P. S., Alves, M. B. & Costa, M. R. (eds). *Antologia de ensaios — Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. IV - Seminário de investigação, ensino e difusão*. Lisboa: DINÂMIA'CET, ISCTE, pp. 98-114.
- Pery, G. A. (1883). "Cartas Agrícolas" [folhas n.º 170, 178, 187; escala 1:50 000]. *Departamento de Cartografia da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Conselho de Agricultura de Beja.